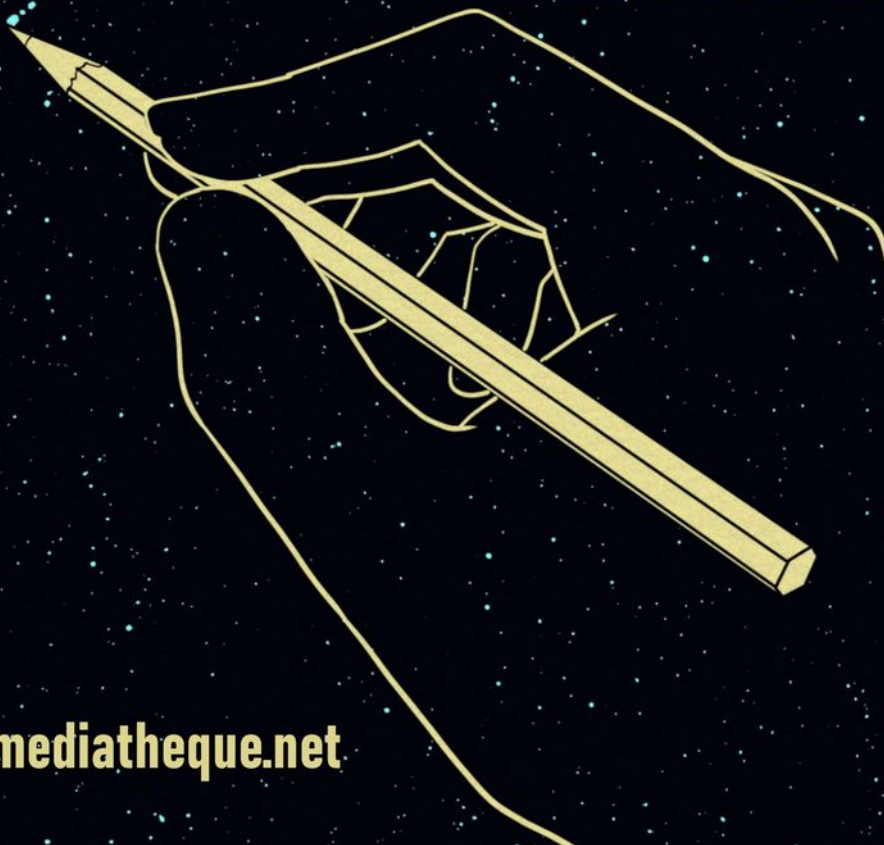


La Comédiathèque

Dedicatòria Especial

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Dedicatória Especial

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Numa pequena livraria, está a preparar-se uma sessão de autógrafos. Carlos finalmente decidiu publicar o seu primeiro romance. Tudo indica que não será um best-seller. Mas na era da internet, um milagre é sempre possível...

Personagens

Carlos: o autor

Margarida: sua esposa

Frederica: sua filha

Vicente: seu genro

Kevin (ou Karla): seu neto (ou sua neta)

Catarina: sua irmã

Alicia: a livreira

Gerardo: o desconhecido

Alan (ou Alina): seu ex-colega

Flora (ou Florencio): a (ou o) jornalista

Jaime: o adjunto ao prefeito

Paula: a cliente

12 personagens.

Alguns personagens podem ser tanto masculinos como femininos.

Distribuições possíveis – 7H/5F – 6H/6F – 5H/7F – 4H/8F

Numa pequena livraria, ao fundo das estantes, de um lado, uma mesa adornada com um bufê simples. Do outro lado, uma mesa mais pequena, sobre a qual repousa uma pilha de livros. Carlos, o autor, elegante em seus sessenta anos, chega com algumas taças de champanhe nas mãos. Ele veste uma camisa branca e uma jaqueta.

Carlos – Talvez isso seja suficiente para os copos, não? Não seremos tantos...

Alicia, a livreira, por volta dos cinquenta anos, entra com um bidão de gasolina na mão. É uma mulher bonita, mas seu estilo de vestir um pouco austero e o coque não a favorecem muito.

Alicia – Primeiro, não são simplesmente copos, mas taças de champanhe. Surpreende-me que um homem de letras como tu não seja mais rigoroso na escolha do seu vocabulário...

Carlos – Bem... Como provavelmente também não é autêntico champanhe francês...

Alicia – Desculpa, nosso orçamento de comunicação ainda não nos permite o Dom Pérignon.

Carlos – Como disse o poeta francês Alfred de Musset: "Não importa a bebida, se nos traz a embriaguez..." (*Então nota o bidão que ela segura na mão.*) Mas não pretendes servi-los gasolina sem chumbo, certo? Nesse caso, devemos proibir fumar...

Alicia – É sidra...

Carlos – Sidra?

Alicia – E, claro, sem álcool.

Carlos – Ah, sim... Sidra sem álcool... A última vez que a bebi foi no lanche de aniversário do meu neto, acho.

Alicia – Pelo menos, se alguém tiver um acidente no caminho de volta, não poderão nos culpar por tê-los embriagado.

Carlos – Reconheço o teu otimismo... Mas por que em um bidão de gasolina?

Alicia – Seria um pouco complicado de explicar... (*Ele lança-lhe um olhar interrogativo de qualquer forma.*) Digamos que é uma marca genérica que comprei a granel a um amigo que trabalha de manhã num supermercado de desconto e à tarde numa bomba de gasolina...

Carlos – Ah, sim... Está muito mais claro para mim agora...

Alicia – Ele diz que é muito bom... E se não for tão bom quanto champanhe, beberão menos... Afinal, estamos aqui para celebrar a publicação do teu romance, não para nos embriagarmos.

Carlos – Apesar de tudo, acho que seria melhor não deixar o bidão diretamente no bufê...

Alicia – Tem razão. Tenho algumas garrafas de champanhe vazias na cozinha...

Alicia vai para a cozinha e volta com algumas garrafas de champanhe vazias, que começa a encher com o conteúdo do bidão, com a ajuda de um funil.

Alicia – Com o funil, é muito prático.

Carlos – Realmente pensas em tudo... Espero que também tenhas pensado em lavar bem o bidão... O sabor da gasolina é muito persistente, sabes...

Alicia – Tens razão... Vamos adicionar xarope de groselha.

Carlos – É uma ótima ideia. Vai combinar melhor com xarope.

Alicia – Sinto como se estivesse a preparar cocktails Molotov... Faz-me lembrar a minha juventude...

Carlos – Bem... Acho que é um episódio da tua vida que omitiste contar-me até agora...

Alicia – Será para outra ocasião. Nossos convidados não devem demorar...

Carlos – Realmente acreditas que alguém virá?

Alicia – Caso contrário, afogaremos as nossas mágoas na sidra sem álcool...

Carlos – Prefiro beber sidra adulterada contigo do que champanhe vintage com qualquer outra pessoa.

Alicia – Mesmo com a tua esposa, Carlos?

Breve momento de hesitação, mas Carlos prefere evitar e belisca uma semente de um recipiente.

Carlos – Têm um sabor estranho, estas amendoins...

Alicia – São grãos de milho salgados, eram mais baratos... Mas é igualmente bom, não é?

Carlos – Nesse caso... Que comece a festa!

Kevin, com cerca de dezoito anos, chega.

Carlos – Ah, olá Kevin!

Kevin – Olá, avô. Como está tudo?

Carlos – Alicia, apresento-te o meu neto. Foi ele quem me introduziu à sidra sem álcool há alguns anos... Mas talvez já o conheças...

Alicia – De qualquer forma, nunca tive o privilégio de vê-lo nesta livraria...

Carlos – Acho que há uma mensagem subliminar aqui, Kevin.

Kevin – Subliminar?

Carlos – Uso deliberadamente uma palavra rara por dia quando falo com ele, para tentar enriquecer o vocabulário dele para além de duzentas palavras... O que a Alicia queria dizer com aquela insinuação quase imperceptível, Kevin, é que não deves abrir livros com frequência...

Alicia – O que se passa? Hoje em dia, os jovens só entram numa livraria uma vez por ano, em setembro, para comprar os livros do programa. Portanto, se Pessoa não estiver na lista de material escolar do liceu, chegam à universidade pensando que é um jogador de futebol ou um youtuber.

Carlos – Um youtuber?

Kevin – Não devia usar palavras tão complicadas com ele, senhora... Mas, avô, parece que não há muita gente para a tua sessão de dedicatórias...

Alicia – Virão, não te preocupes...

Kevin – Criaste um evento?

Carlos – Um evento?

Kevin – Um evento no Facebook!

Carlos – Para quê?

Kevin – Para convidar os teus amigos!

Carlos – Meus amigos?

Kevin – Quantos amigos tens?

Carlos – Não sei... Amigos de verdade? Dois ou três...

Kevin – Ah, percebo...

Alicia – Enviámos apenas alguns convites...

Carlos – Também para a família, claro. Por correio.

Kevin – Convites para a família, entendido... Como para um funeral, não?

Alicia – Como para um batizado, antes pelo contrário! É verdade, este livro é um pouco como o teu bebé, Carlos...

Kevin – Mas quando dizes por correio... queres dizer por correio eletrónico?

Carlos – Pelo correio postal!

Kevin – Compreendido... Ambiente vintage, então.

Alicia – E também colocámos um cartaz no mural, claro.

Kevin – No mural... Queres dizer o mural do Facebook.

Carlos – O mural da livraria!

Kevin – Claro...

O telemóvel de Kevin toca e ele atende.

Kevin – Sim? (*Afastando-se*) Olá Max... Não, estava com o meu avô aqui... Não, não esse. O que tu conheces morreu há três meses. O meu outro avô, o que escreveu as memórias, já sabes...

Carlos (*levantando os olhos para o céu*) – As minhas memórias...

Alicia – És demasiado jovem para escrever as tuas memórias, não é verdade?

Kevin (*a Carlos*) – Passo mais tarde, ok, avô?

Carlos – Insiste em chamar-me avô, não sei porquê.

Alicia – Fica-te bem...

Kevin (*ao seu interlocutor telefónico*) – Quem, Karim? Não? Ah, sim? Que bom...! Ah, aliás, falei-te da minha nova aplicação?

Sai. Carlos e Alicia olham-se desanimados.

Carlos – Às vezes, pergunto-me se vivemos no mesmo planeta, meu neto e eu...

Alicia – Às vezes, pergunto-me se o planeta em que vivemos, tu e eu, ainda existe.

Margarida, a esposa de Carlos, chega radiante aos seus cinquenta anos.

Alicia – Ah, Margarida...

Carlos – És a primeira, é amável!

Margarida – Olá, Alicia. Passo rápido, ainda tenho duas ou três clientes para atender no salão. (*A Carlos*) Disse-te para passares lá esta manhã também. Olha como estás! Ter-te-ia feito um penteado! Se a jornalista do A Gazeta te fotografar, imagina...

Carlos – Desculpa, realmente não tive tempo. Acabamos de terminar. E também não tenho a certeza se quero parecer um apresentador de televisão...

Margarida – Entre nós, Alicia, também deverias ter vindo ver-me...

Alicia – Achas que estou mal penteada?

Margarida prefere não responder.

Margarida – Então, está tudo pronto?

Alicia – Num momento, pensámos que teríamos que cancelar tudo. Entregaram-nos há uma hora, percebes?

Margarida – Contrataram algum serviço de catering?

Alicia – Eh, não... Falava do impressor... Uma sessão de dedicatórias sem o livro do autor...

Margarida – Ah, claro... Pensei que estavas a falar dos aperitivos...

Alicia – Então, o que achas?

Margarida – Do bufê?

Alicia – Do livro do teu marido! Imagino que foi a primeira leitora...

Margarida – Na verdade, preferi ter a surpresa... E depois, ele escreve tão mal... Quero dizer, quando escreve à mão... É como o meu médico, sabes... Nunca consigo decifrar o que está escrito nas minhas receitas. Por isso, um manuscrito completo, imagina? Felizmente, os farmacêuticos não escrevem romances. Bem, desculpa, tenho que voltar. Fecho o salão e volto, está bem?

Carlos – Muito bem, até logo então...

Ela sai.

Alicia – Também achas que estou mal penteada?

Carlos – Estás penteada como sempre, não?

Alicia – Não tenho a certeza de como interpretar isso... Mas de qualquer forma, vou arranjar-me um pouco antes dos primeiros convidados chegarem. Pode tomar conta da loja por um momento?

Carlos – Claro.

Alicia – Aproveita para rever o teu discurso.

Carlos – O meu discurso?

Alicia – Preparaste uma pequena intervenção, não?

Carlos – Que tipo de intervenção?

Alicia – Como os Óscares! Agradecer à minha esposa, ao meu editor...

Carlos – Não tenho editor! Estás a gozar comigo, não estás?

Alicia – Ouviste a tua esposa? A jornalista de A Gazeta estará aqui. O que é que ela escreverá no artigo se não disseres umas palavras para apresentar o teu livro?

Alicia está prestes a sair, mas Carlos chama-a entregando-lhe o bidão.

Carlos – Pode deixar isto na cozinha a caminho?

Alicia – Tens razão, vai fazer espaço...

Ela pega no bidão e sai. Carlos parece perturbado. Refletindo sobre o seu discurso, começa a murmurar algumas palavras inaudíveis. Está tão concentrado que não vê Paula, uma cliente de cerca de trinta anos e bastante atraente, entrar.

Carlos (*em voz alta*) – Queridos amigos, bom dia! Não, aqui pareço um apresentador de televisão... Queridos amigos, agradeço-lhes, em primeiro lugar, por virem em tão grande número...

Paula observa-o falar sozinho por um momento, com uma expressão um tanto preocupada. Carlos finalmente vira-se e assusta-se ao vê-la.

Carlos – Desculpe, estava a repetir o meu discurso... Mas fique tranquila, vou tentar não ser muito longo.

Paula – Ah, sim...

A cliente olha ao redor da loja, aparentemente procurando algo.

Carlos (*apontando para a pilha de livros*) – Os livros estão aqui.

Paula – Muito bem.

Carlos – Sou o autor.

Paula – Perfeito...

Carlos – Quer que dedique um exemplar para si? Será a minha primeira vez...

Paula – Quer dizer que...

Carlos – Vem para a sessão de autógrafos, certo?

Paula – Uh... Não, estou à procura de um cartucho de tinta para a minha impressora. (*Tira um papel e coloca-o na frente do rosto.*) Anotei a referência aqui. Terá isso?

Carlos – Ah... Para isso, teria que esperar que a livreira voltasse...

Paula – Desculpe... Pensei que... Nesse caso, é melhor que volte mais tarde...

Carlos – Não deverá demorar... Ofereço-lhe um cocktail enquanto espera? Se prometer que não fuma logo a seguir...

Paula – Obrigada, mas a minha cabeleireira disse-me que podia atender-me em cinco minutos...

Carlos – Cuidado com os minutos de cabeleireira.

Paula – Desculpe?

Carlos – Dizem-lhe cinco minutos, e para si parece que duram duas horas... Com as cabeleireiras, o tempo passa muito mais devagar, é um fenómeno bem conhecido.

Paula – Ah, sim...

Carlos – Acredite, vivo com uma cabeleireira há trinta anos e sinto que passou uma eternidade...

Paula (*um pouco envergonhada*) – Muito bem... Até logo então!

Ela sai.

Carlos – Bom... eu também vou pentear-me um pouco...

Ele sai. Entram Frederica, a filha de Carlos, e Vicente, o genro.

Vicente – Droga, acho que somos os primeiros, não?

Frederica – Tu achas?

Vicente – Bem, não sei... Como somos os únicos...

Frederica – Há alguém?

Vicente – Não fale tão alto! Tu vês que não tem ninguém...

Frederica – É para anunciar nossa chegada... É o que se faz nestes casos, não é?

Vicente – Nestes casos, também poderíamos dar o fora e voltar quando tiver um pouco mais de gente. Eu disse que não precisávamos chegar tão cedo.

Frederica – É meu pai, afinal... Pela primeira vez que faz algo...

Vicente – Preferiria que fizesse um churrasco, como todos... Viste a aparência do bufê?

Frederica – Não viemos para comer...

O olhar de Vicente se dirige para a pilha de livros.

Vicente – Eu me pergunto por que viemos, na verdade. Leste

Frederica – O quê?

Vicente – O livro dele!

Frederica – Ah... Hum... Não, ainda não... Acabou de publicar, não é?

Vicente – Pelo menos, não teremos que dizer a ele o que achamos. (*Vicente se aproxima da pilha e olha o título.*) A Minha Parte de Sombra... Oh, droga...

Frederica – O quê?

Vicente – Que título mais estúpido...

Frederica – É verdade, não dá muita vontade de ler...

Vicente – A menos de já estar completamente deprimido.

Frederica – Hum... Não parece um best-seller de verão que se lê na praia para esquecer os problemas.

Vicente – Porque tu tens problemas? (*Ela não responde.*) Sabia que eu também escrevia quando era criança?

Frederica – Ah, é? E o que escrevias?

Vicente – Coisas diferentes... Poemas, por exemplo...

Frederica – Escrevias poemas? Tu?

Vicente – Sim, bem, foi há muito tempo...

Frederica – De qualquer forma, nunca me escreveste poemas...

Vicente – Sim, bem... Rapidamente percebi que não teria sucesso na vida sendo escritor...

Frederica – Está claro...

Vicente – Verás que nos servem espumante barato...

Frederica – Achas? A mim, espumante me dá gases...

Vicente – Vamos embora, eu digo... Além disso, tenho algumas chamadas para fazer enquanto isso...

Frederica – Não vamos deixar a loja assim?

Vicente – Como assim?

Frederica – Sem vigilância! Qualquer um poderia entrar, servir-se e sair sem pagar...

Vicente – Quem vai roubar livros? Especialmente o do teu pai...

Frederica – Não sei... Pessoas que gostam de ler...

Vicente – Já ouviu falar de um assalto a uma livraria?

Frederica – Não...

Vicente – Voltaremos em meia hora, eu digo.

Frederica – Bem, está bem.

Estão prestes a sair quando Carlos retorna.

Carlos – Ah, Frederica, querida!

Vicente (*sussurrando para Frederica*) – E droga...

Frederica – Olá, papá...

Ele beija a filha antes de apertar a mão do genro.

Carlos – Bom dia, Vicente.

Vicente – Olá Carlos, como vai? Então, é o grande dia?

Carlos parece um pouco tenso.

Frederica – Podias ter posto uma gravata... Com essa camisa branca e o colarinho aberto, assim...

Vicente – E essa cara de enterro.

Frederica – Parece que vão enforca-te...

Carlos – É um pouco a impressão que tenho, acredita... Embora com essa aparente descontração, eu esperava mais parecer um pouco o escritor de génio que não sou... Obrigado por virem. Acho que são os primeiros...

Frederica – Sim, foi o que Vicente acabou de me dizer...

Vicente – Não queríamos perder, claro. Aproveitamos para folhear o teu livro... Parece interessante...

Frederica – O título, pelo menos, é bem chamativo...

Vicente – Sobre o que é exatamente?

Carlos – Oh... De facto, é a história de...

Frederica – A mãe não está aqui?

Carlos – Está fechando o salão e virá.

Vicente folheia o livro.

Vicente – Cento e vinte e duas páginas! Bem, não te esforçaste muito...

Carlos – Para um primeiro romance... Vamos dizer que não queria abusar da paciência dos possíveis leitores...

Frederica – Estás certo! Livros muito longos sempre me dão medo de adormecer antes do final... Não, um livro pequeno como este, além de escrito em letra grande, tenho certeza de que pode vender bem...

Vicente – Se não for muito caro... Tens muito estoque?

Carlos – Fizemos uma primeira tiragem de 300 exemplares.

Vicente – Ah, certo... Precisas ter mais ambição do que isso, velho. Não podes ser tão modesto! Tens que acreditar em ti mesmo!

Alicia volta vestida de forma muito mais sexy e sem coque.

Alicia – Isso é o que sempre lhe digo...

Carlos mostra sua surpresa ao vê-la transformada assim.

Carlos – Apresento-lhes a Alicia. Uma livreira como as de antes...

Alicia – Queres dizer que pertenço a uma espécie em perigo de extinção? Infelizmente, isso é muito verdade...

Carlos – De qualquer forma, se Alicia não tivesse me apoiado e encorajado desde o início, nunca teria ousado publicar este romance... Alicia, apresento-te minha filha Frederica e seu marido Vicente.

Alicia – Teu pai tem muito talento... Tu também és artista?

Frederica – Não, trabalho com meu marido.

Vicente – Dirijo uma empresa de carpintaria industrial. Vendo portas e janelas.

Alicia – Um trabalho que não está tão longe do meu. Os livros também são portas e janelas abertas para o mundo...

Vicente – As minhas são de PVC.

Alicia – Infelizmente, com a concorrência da internet, o trabalho de livreiro tornou-se muito difícil.

Vicente – É preciso viver com os tempos. Saber se adaptar. Se não, acabas desaparecendo, como os dinossauros.

Carlos – Embora os dinossauros só tenham desaparecido depois de dominar o mundo por 160 milhões de anos...

Alicia – Se esta livraria fechar, infelizmente, será substituída por um banco, uma imobiliária ou uma lavanderia...

Carlos – Ou uma filial de um grupo de carpintaria industrial.

Vicente – O livro em papel é como a janela de madeira. É uma batalha perdida. Deverias migrar para o digital.

Alicia – Ou mudar de profissão... Enfim, esperemos que esta sessão de autógrafos atraia alguns leitores para esta livraria antiga.

Frederica – Os jovens de hoje já não leem... Sempre digo isso ao Kevin. Aos quinze anos, já tinha lido todos os álbuns de Asterix.

Vicente – Na verdade, não passou dos romances de Harry Potter...

Frederica – Temos que dizer que naquela época não tínhamos internet.

Alicia – Vou servir-lhes um copo... Algo de sidra, apetece-lhes?

Frederica – Com prazer...

Alicia aproxima-se do bufê para fazer o serviço.

Vicente – Mas ouve, Carlos, não sabia que eras escritor. Chegou tarde para ti?

Carlos – Não, é uma paixão de juventude. Até enviei manuscritos para as grandes editoras. Mas nunca quiseram publicá-los...

Frederica – Ah, sim!

Vicente – O que lhe responderam?

Alicia – "Não se ajusta à nossa linha editorial"... Essa é a fórmula consagrada.

Carlos – Aparentemente, o que escrevo não se encaixa em nenhuma linha editorial registada até agora... Então, sob a amigável pressão da minha livreira favorita, decidi publicar meu primeiro romance por conta própria. Como autor independente...

Vicente – Ah, entendi...

Frederica – Agora que estás aposentado, poderás escrever mais.

Vicente – Aposentado... À tua idade! E perguntamo-nos por que o orçamento do nosso país está em déficit... Às vezes, também gostaria de trabalhar nos Correios.

Alicia – Para um antigo carteiro, tornar-se romancista é uma forma como outra de continuar sendo um homem de letras...

Frederica – Um homem de letras?

Vicente – Enfim, Frederica... Um carteiro, um homem de letras...

Frederica – Ah, sim... Claro...

Vicente – Sabias que eu também escrevia quando era criança?

Margarida volta acompanhada de Jaime, o adjunto ao prefeito.

Carlos – Ali está tua mãe!

Margarida – Bom dia, Vicente... (*Para Frederica*) Bom dia, querida... Já chegaram?

Frederica – Sim, chegamos primeiro...

Margarida – Carlos, conheces o Jaime, o adjunto ao prefeito...

Carlos – Muito honrado, Jaime. Mas não sabia que cuidavas da cultura...

Jaime – O adjunto da cultura não estava disponível, infelizmente, mas tenho o prazer de substituí-lo.

Alicia – Ah, sim... E encarregas-te de...?

Jaime – Do Serviço de Limpeza Pública.

Frederica – O Serviço de Limpeza Pública?

Jaime – A recolha de lixo, a reciclagem, tudo isso...

Carlos – Compreendo... E ainda mais honrado fico com a tua presença aqui, Jaime.

Jaime – Em todo caso, tens uma esposa encantadora. E sempre tão bem penteada...

Carlos – Minha primeira dedicatória será para ti, Margarida. O que escrevo?

Alicia – "À minha musa"?

Momento de vacilação.

Carlos – Vou escrever "À minha esposa"...

Assina um exemplar do livro e entrega-o a Margarida.

Margarida – Obrigada... Assim posso lê-lo...

Carlos – Sim... Por que não?

Jaime dá uma olhada na capa do livro.

Jaime – "A minha parte de sombra"... Título bastante chamativo... E sobre o que é?

Carlos – Bem...

É interrompido pelo retorno de Kevin.

Frederica – Ali está o Kevin! Não sabemos o que fazer com ele. Acabamos de descobrir que está a repetir o ano, imagina...

Carlos – Outra vez...?

Vicente – Deve pensar que o liceu é como os Correios. Que se avança por antiguidade...

Frederica – Passa o tempo a desenvolver aplicações para telemóveis... Provavelmente pensa que assim vai ficar rico...

Kevin – Já aconteceu...

Vicente – Vá lá, deixa de sonhar, Kevin.

Carlos – Que aplicação é essa?

Kevin – Sabes o que é numerologia?

Alicia – Vagamente.

Kevin – A minha ideia é muito simples, vais ver... *(Para Carlos)* Aqui, passa-me o teu telemóvel, avô, vou instalar-te a aplicação...

Carlos entrega-lhe o telemóvel a contragosto, e Kevin pressiona no teclado.

Kevin – Aqui está o princípio... Pedes o número de telefone a uma rapariga. Ou a um rapaz, obviamente, também funciona. Introduzes no teu telemóvel, e a aplicação indica-te o grau de compatibilidade amorosa entre vocês dois.

Alicia – O grau de compatibilidade amorosa?

Carlos – Nunca o ouvi usar termos tão sofisticados...

Kevin – Resumindo, diz-te se tens hipóteses de ficar com ela.

Alicia – Segundo os números de telefone?

Carlos – Ah, sim, de facto, é muito simples. Mas não sabia que eras especialista em numerologia.

Kevin – Inventei o programa eu mesmo. O software soma todos os dígitos que compõem o teu número de telefone e os da rapariga. Se a soma for igual, bingo! É amor à primeira vista. Se não, quanto menor for a diferença, mais hipóteses tens de ficar...

Jaime – Ah sim, só era preciso pensar nisso.

Kevin – Claro, é preciso acreditar na numerologia...

Vicente – Numerologia... Quando vais repetir o ano por causa do zero em matemática.

Frederica – Se não for bom nos estudos, vamos mandá-lo para a Escola de Hotelaria...

Alicia – Por favor, sirvam-se! O bufê está aqui...

Dirigem-se para o bufê. Jaime aproveita para discretamente colocar uma mão nas nádegas de Margarida.

Margarida *(em voz baixa)* – Por favor, Jaime, não aqui...

Vicente – Carlos, bebes alguma coisa? És o herói do dia, não és?

Carlos – Sim, sim, já vou. *(Para Kevin)* É curioso, nunca reparei que o teu pai me tratava por "tu"...

Kevin – Eu também não.

Carlos – Não tenho a certeza de gostar muito. É verdade, o facto de ele se deitar com a minha filha não lhe dá o direito de ser tão familiar comigo.

Kevin – Estás a falar da minha mãe, certo?

Carlos – Não sei onde ela foi encontrar um sujeito desses... Mas é minha culpa... Não devia ter deixado que a tua avó cuidasse da educação dela.

Kevin – Sabias que coloquei o teu livro na Amazon?

Carlos – Amazon! Não pronuncies essa palavra aqui, desgraçado! Não se fala de corda em casa de enforcado...

Kevin – Porquê?

Carlos – Amazon é a morte das pequenas livrarias de bairro!

Kevin – Sim, mas o livro em papel está fora de moda... E hoje em dia, se não crias sensação nas redes sociais!

Carlos – Já o leste?

Kevin – O quê?

Carlos – Meu livro! Antes de o colocares online...

Kevin – Ainda não... Mas como me enviaste o arquivo... Fiz um ebook rápido e coloquei à venda na Amazon.

Carlos – À venda? (*Irónico*) E, está a vender bem, diz-me?

Kevin – Ainda não tive tempo de verificar as estatísticas...

Carlos (*suspirando*) – Bem, afinal... Tens razão, Kevin. Sabes o que Einstein disse? Um homem que já não é capaz de se maravilhar deixou de viver... Para mim, é tarde demais. Mas tu... Se, à tua idade, já não sonhas...

Kevin – Acabas de publicar o teu primeiro romance... Com quase setenta anos...

Carlos – Sessenta, Kevin... Setenta era o teu outro avô. O que morreu de velho há três meses, sabias?

Alicia volta.

Alicia – O que são essas conversas em voz baixa?

Carlos (*envergonhado*) – Estávamos a falar da aplicação para telemóvel dele... É divertido, não é?

Kevin – Vou pegar uma taça de champanhe, ok?

Carlos – Vais ver, é bom... Dom Pérignon... Mas devagar, está bem... É forte...

Kevin afasta-se em direção ao bufê.

Alicia – E eu, também me dedicas esse livro ou não?

Carlos – Claro... Este romance é um pouco o nosso bebé, não é?

Carlos rabisca algo no livro. Alicia observa.

Alicia – Que amável. Estou muito comovida.

Sequência emocional. Desconforto entre eles. Chega Flora, a jornalista do A Gazeta, com uma câmara pendurada ao pescoço.

Alicia – Ali está a Flora!

Carlos – Flora?

Alicia – A jornalista do A Gazeta...

Flora – Espero não chegar demasiado tarde.

Alicia – De maneira nenhuma! Queres beber alguma coisa?

Flora – Por agora estou bem, obrigada...

Carlos – Obrigado por vires. Imagino que com esta reportagem sobre o meu primeiro romance não vais ganhar o Prémio Pulitzer...

Flora – Depende...

Carlos – Ah sim? E de quê?

Flora – Se com este primeiro romance ganhares o Prémio Nobel...

Alicia parece ansiosa por interromper esta agradável conversa.

Alicia – Carlos, talvez seja hora de dizeres algumas palavras...

Carlos – Sério? Mas ainda não chegou toda a gente, certo?

Alicia – A imprensa está aqui, isso é o principal. Não vamos fazer esperar a senhora...

Flora – Sobretudo porque não posso ficar muito tempo. Ainda tenho o banquete anual do Clube Sénior de Dança de Salão e a inauguração da nova rotunda.

Carlos – Nesse caso...

Alan chega, com um fato e gravata apertados de modesto empregado de escritório.

Alan – Desculpa, Carlos... Cheguei um pouco tarde...

Carlos – Ah, Alan! Só faltavas tu...

Alan – Não perderia isso, já deves imaginar.

Carlos – Apresento-vos o Alan, um antigo colega dos Correios que ainda não teve a sorte de ser despedido como eu...

Alicia – Encantada, Alan...

Carlos – Chegas mesmo a tempo... Quase perdias o meu discurso...

Alan – Estou aproveitando a minha hora de almoço.

Carlos – A hora de almoço é para o funcionário de escritório o que o passeio no pátio é para o prisioneiro na prisão.

Alan – Não estás errado.

Carlos – Por isso, estou feliz por ter recebido uma liberação antecipada...

Alan – Sabes que piorou desde que saíste? Agora, os Correios também propõem produtos financeiros...

Alicia bate algumas vezes numa taça com uma colher para chamar a atenção.

Carlos – Desculpa um momento, tenho de dizer umas palavras à imprensa...

Kevin recebe uma mensagem de texto e afasta-se um pouco.

Kevin – Desculpem...

Carlos – Queridos amigos, primeiro quero...

Kevin (*em voz alta*) – A Google quer comprar-me a aplicação!

Carlos é interrompido no seu discurso.

Vicente – O quê?

Kevin – A minha aplicação de numerologia! Acabei de receber uma mensagem do CEO da Google!

Espanto geral.

Frederica – O CEO da Google?

Vicente – Mas quando dizes comprar... Será mesmo lucrativa a venda de uma aplicação para telemóvel?

Jaime – Ouvi falar de uma história assim há pouco tempo. Um rapaz de 17 anos em Inglaterra. Vendeu uma aplicação ao Facebook por 30 milhões de dólares.

Vicente – 30 milhões!

Frederica – É ainda melhor do que ganhar na lotaria!

Os pais olham para ele com novos olhos.

Vicente – Tinha a certeza de que o meu filho era um génio desconhecido...

Frederica – Lembras-te quando ele repetiu no ensino fundamental?

Vicente – Fizemos um teste para ver se não era superdotado.

Frederica – Perguntávamo-nos se isso não explicava por que ia tão mal na escola.

Vicente – Ou se era simplesmente totalmente estúpido.

Frederica – Na verdade, o teste não revelou nenhum sinal de genialidade.

Jaime – Às vezes, eles enganam-se...

Kevin – Estão a oferecer-me 10 milhões.

Frederica – Em euros?

Kevin – Dólares.

Frederica – Quanto está o dólar hoje em dia?

Jaime – Um pouco menos de um euro, acho.

Vicente – Dizemos-lhes que não é suficiente...

Frederica – Achas?

Vicente – Se quiseres, eu negoceio isso por ti. Mas fazê-los esperar um pouco... Ei! Podias investir os teus ganhos no negócio do teu pai, para fazê-los crescer...

Kevin – Sim...

Vicente – Novas tecnologias, internet, tudo isso é bom para fazer um golpe... Mas para investir o teu capital, acredita... A carpintaria industrial é sólida...

Kevin – Sim, veremos...

Frederica – Além disso, tens 17 anos... Ainda não estás em idade de gerir o teu dinheiro sozinho...

Kevin – Faço 18 anos daqui a um mês...

Vicente – Mas sou teu pai, afinal...

Jaime – Mas quem assina essa mensagem?

Kevin olha para o seu ecrã.

Kevin – Steve Jobs...

Alan – Steve Jobs, é o CEO da Google?

Jaime – Steve Jobs é da Apple, não é?

Alan – Sim... E, acima de tudo, está morto... Há muitos anos...

Jaime – Talvez tenha fundado uma start-up lá em cima...

Kevin olha novamente para o seu ecrã.

Kevin – Raios, é o número do meu amigo Karim. Foi ele que me enviou a mensagem. É uma brincadeira...

Desilusão dos pais.

Frederica – Dissemos-te para não sonhares, Kevin...

Vicente – Um génio, claro... Vamos mandá-lo para a Escola de Hotelaria, sim...

Carlos – Bem, acho que o meu pequeno discurso fica para depois... Proponho que passemos diretamente para o buffet...

Alicia estende uma taça de champanhe a Alan.

Alicia – Toma, Alan, bebe algo.

Alan – Obrigado.

Flora – O senhor também é carteiro?

Alan – Já não, infelizmente. Pelo menos estaria ao ar livre e teria a sensação de servir para alguma coisa. Agora sou consultor financeiro...

Alicia – Ah, sim...

Alan – Consultor... Como se estivéssemos aqui para aconselhar os clientes... Quando estamos aqui apenas para roubar as suas poupanças, vendendo-lhes produtos financeiros tóxicos...

Alicia – E tu, Carlos, não sentes falta demais do teu trabalho de carteiro?

Carlos – Um pouco, sim. O contato com toda essa gente durante a minha rota. Levar-lhes as boas e as más notícias. Um carteiro é um pouco como uma pomba correio...

Alicia – Infelizmente, as cartas escritas à mão e enviadas pelo correio terminaram. Hoje em dia, talvez Pessoa escrevesse mensagens de texto...

Alan – Correios tornou-se mais um banco. Contrataram-me num serviço público. E hoje, vejo-me obrigado a colocar créditos ao consumo a assalariados que já estão endividados.

Carlos – Vamos, nem tudo na vida é trabalho... Ainda jogas à petanca?

Alan – Estou muito mal, Carlos... A sério. Tenho as bolas baixas...

Flora tira uma foto de Carlos antes de se dirigir a ele.

Flora – Posso fazer-lhe algumas perguntas para o meu artigo? Já que não quis oferecer-nos um discurso...

Carlos – Claro... *(A Alan)* Desculpa, volto já...

Alan parece completamente deprimido. Dirige-se a Vicente.

Alan – Já pensaste alguma vez em suicídio?

O telefone de Vicente toca.

Vicente *(a Alan)* – Desculpa um momento, estarei contigo já... *(Ao interlocutor telefónico)* Sim? Não, não, não me incomoda. Aliás, queria ligar-lhe para discutir sobre este pequeno descoberto...

Sai da sala para atender a chamada.

Alicia – Vou buscar algumas garrafas...

Jaime – Posso ajudar-te com o serviço?

Alicia – Por que não?

Alicia e Jaime saem.

Flora – És o único escritor que temos no município...

Carlos – Imagino, senão certamente terias escolhido entrevistar outro...

Flora – Então, Carlos, sobre o que trata este livro?

Carlos – Vou dedicar-te um exemplar, assim podes lê-lo antes de escreveres o teu artigo...

Flora – É amável, mas preferiria que me fizesses um resumo... O meu artigo tem de sair amanhã de manhã...

Carlos – Vejo isso... Bem, digamos que... é um pouco autobiográfico, na verdade...

Flora – A Minha Parte de Sombra...

Carlos – Tens de entender isso no sentido figurado, obviamente...

Flora – Já percebi...

Carlos – A sério?

Flora – Todos temos a nossa parte de sombra, suponho...

Carlos – Qual é a tua, Flora?

Flora – Matei os meus pais e tenho-os embalsamados no meu sótão há uns dez anos. Provavelmente escreverei um livro sobre isso um dia. Mas estamos aqui para falar de ti, não é?

Carlos – A minha parte de sombra, eu vejo-a mais debaixo de um guarda-sol... Detesto estar sob luz direta...

Flora – É bastante paradoxal... Todos os autores procuram algum reconhecimento, suponho...

Carlos – Esse é precisamente o tema do meu romance.

Alan aproxima-se de Kevin.

Alan – Já trabalhaste, rapaz?

Kevin – Não...

Alan – Sabes, quando te atribuem o teu número de segurança social para o teu primeiro emprego, recebes uma sentença perpétua.

Kevin parece um pouco desconcertado. Mas o seu telefone toca e ele atende.

Kevin – Sim, Karim... Tu és mesmo estúpido, não és?

Afasta-se para continuar a conversa. Alan sai da sala. Vicente volta, aparentemente preocupado.

Carlos – Algum problema?

Vicente – Apenas um pequeno problema de liquidez temporária. Mas sabes uma coisa? Acho que vou vender metade da empresa aos chineses, para impulsionar as minhas perspetivas de desenvolvimento. Deverias ter lançado o teu livro na China. Imagina, mais de mil milhões de potenciais leitores. Os chineses, acredita em mim, são o futuro...

Carlos – Quando era jovem, costumávamos imaginar os chineses a invadir o mundo inteiro. Hoje em dia, nas nossas ruas, é um exército de turistas chineses desfilando carregados de sacos de marcas de luxo. No final, já não temos a certeza de quem venceu a Guerra Fria...

Alicia regressa, um pouco desarrumada e bastante perturbada, seguida por Jaime, com uma expressão alegre.

Alicia – Enfim, por favor...

Jaime – Podemos rir um pouco, não é?

Alicia refugia-se junto a Carlos. Margarida lança um olhar desconfiado na direção de Jaime.

Margarida – O que estavas a fazer na cozinha?

Jaime – Apenas estava a dar uma mãozinha...

Margarida – A dar uma mãozinha... Já vejo...

Carlos – Tudo bem, Alicia?

Alicia – Sim, sim, tudo bem...

Catarina chega, uma mulher elegante.

Catarina – Olá, Carlos.

Carlos – Olá, Catarina.

Dá-lhe um beijo, depois Catarina vira-se para Alicia.

Carlos – É minha irmã.

Carlos – Sua irmã...?

Carlos – Sim... Bem... A filha dos meus pais, se preferir...

Alicia – Muito bom dia, senhora... Mas não sabia que o Carlos tinha uma irmã...

Catarina – É que... passei os últimos anos trancada num convento.

Alicia – Sério...?

Catarina – Não, claro, estou a brincar... Acabei de sair da prisão...

Alicia – Ah... Muito bem...

Carlos – Está a brincar outra vez, claro...

Catarina – Então, meu querido irmão, estou ansiosa para ler o teu livro...

Carlos – É o meu primeiro romance, sabes... Sinto que me estou a despir um pouco...

Catarina – Sou tua irmã, afinal de contas, já te vi completamente nu. (*A Alicia*) Foi há muito tempo, tranquila.

Carlos – E tu, como estás?

Catarina – Gostaria de te dizer que a minha vida é emocionante, mas gosto de ti demais para te mentir. E ao contrário de ti, não posso refugiar-me na literatura para inventar outra.

Carlos – O meu talento como escritor é bastante limitado. Não invento outra vida, sabes. Apenas, através dos meus livros, me limito a rir um pouco da minha. Isso ajuda-me a torná-la um pouco mais suportável.

Gerardo entra. Está vestido de forma elegante e tem um ar um tanto misterioso. Segura uma maleta na mão.

Alicia – E ele, quem é?

Carlos – Nenhuma ideia. Afinal, uma sessão de autógrafos é como uma representação teatral. Inesperadamente, pode entrar por engano na audiência alguém que o autor não conhece...

Alicia – O que pode haver nessa maleta?

Carlos – Pode perguntar-lhe tu mesma...

Alicia aproxima-se de Gerardo.

Alicia (a Gerardo) – Olá, posso oferecer-lhe uma bebida?

Gerardo – Por que não?

Alicia – Quer que leve o seu casaco?

Ele entrega-lhe o casaco, e ela espera que também lhe dê a maleta.

Gerardo – Obrigado, mas prefiro manter a minha maleta comigo.

Alicia – Volto já...

Alicia vai guardar o casaco nos bastidores.

Catarina – Vens para a sessão de autógrafos?

Gerardo – Parece surpreender-te.

Catarina – Não, não, de maneira nenhuma...

Gerardo – Na verdade, estou aqui um pouco por acaso.

Alicia volta e oferece uma bebida a Gerardo.

Gerardo – Obrigado.

Catarina – És amigo do Carlos?

Gerardo dá um gole.

Gerardo – Este champanhe é bastante peculiar... Tem um leve sabor a groselha, não é?

Alicia – Sim... Tenho um bom fornecedor.

Gerardo – Um pequeno produtor na Catalunha, suponho.

Alicia – Mais propriamente uma estação de serviço em Astúrias.

Kevin se aproxima.

Kevin – Como vai, velho? Espera... Vou ver se conseguiste vender um ou dois exemplares na Amazon...

Ele toca no seu telefone. Alan se aproxima de Flora.

Alan – És jornalista, certo?

Flora – Sim...

Alan – Não podes imaginar o inferno que estamos a viver agora, a trabalhar como conselheiro financeiro nos Correios...

Kevin – Não é verdade!

Carlos – O que está a acontecer agora?

Kevin – 2.700 exemplares!

Carlos – O que isso significa?

Kevin – Significa que causaste sensação! E em grande!

Carlos – É outra brincadeira, é isso?

Kevin – De maneira nenhuma, olha! (*Mostra a tela do seu telefone*) 2.700 exemplares vendidos! Tornaste-te uma estrela, avô. Bem, sob um pseudónimo...

Jaime – Uma estrela, não se deve exagerar nada, de qualquer forma... (*Preocupado*) Que pseudónimo é esse?

Kevin – Gonzalo de Casteladrón...

Carlos – Gonzalo de Casteladrón?

Kevin – Pareceu-me que soava bem para um romancista... "A Minha Parte de Sombra" de Gonzalo de Casteladrón... O que achas?

Carlos – Ah, sim, é...

Alicia – Então passaste para o inimigo? Colocaste o livro à venda na Amazon?

Carlos – Não fui eu, foi o meu neto! Nem sequer sabia que...

Frederica – 2.700 exemplares? Deves ter ganho uma pequena fortuna então.

Vicente – A quanto está a cópia?

Kevin – 1 cêntimo de euro. Grátis não é permitido.

Vicente – Ah, entendi.

Vicente tira uma calculadora do bolso.

Vicente – Vamos ver... 2.700 exemplares multiplicados por 0,01 euro... São 27 euros...

Frederica – Pelo menos paga este magnífico bufé...

Kevin – Pode ser apenas o começo...

Alicia – De qualquer forma, isso significa que o teu livro pode interessar aos leitores.

Vicente – Sim... Mas a 1 cêntimo o livro...

Kevin – Sempre podemos tentar aumentar o preço.

Frederica – Mas continuará a vender-se...?

Catarina encontra-se com Gerardo perto do bufé.

Catarina – Também és um amante da literatura?

Gerardo – Gosto de livros, de facto. Mas só estou apaixonado pelas leitoras. Quando são tão encantadoras como tu, pelo menos...

Catarina – Bela frase para evitar responder.

Gerardo – Qual era a pergunta mesmo?

Sorriso divertido de Catarina.

Catarina – Suponho que era algo como – o que fazes e o que pode ser tão valioso naquela maleta que não queres deixá-la no bengaleiro com o teu casaco?

Gerardo – Permite-me cultivar um pouco mais a minha parte de sombra também.

Catarina – És espião, não és? Ou detetive privado? Estás a investigar um caso de adultério?

Jaime intromete-se na conversa.

Jaime (*a brincar*) – Não será a minha esposa que te enviou, pelo menos?

Silêncio desconfortável.

Gerardo – Desculpem-me um momento.

Gerardo sai. Catarina parece desapontada.

Jaime – Então, és a irmã do autor?

Catarina – Sim, é o que dizem...

Jaime – E o que fazes da vida?

Catarina – Trabalho no serviço da hora certa. Sou quem atende o telefone.

Jaime – Deve ser emocionante... E és casada?

Catarina – Ainda não... Mas se casar um dia, prometo convidar-te para o casamento. Desculpa-me, mas se não for à casa de banho imediatamente, posso vomitar-te em cima. (*Está prestes a afastar-se.*) Não, mas acalma-te, nada tem a ver com a tua aparência física. Tive que abusar um pouco desse elixir...

Ela vai embora.

Jaime (*para Carlos*) – É verdade que esta sidra tem um sabor estranho. O que é exatamente?

Carlos – É um cocktail cuja receita quero manter absolutamente em segredo. Mas o nome já te dará uma pista sobre a composição. Chamei-lhe Querosene.

O telefone fixo da livraria toca. Alicia atende.

Alicia – Sim... Sim... Sim, claro. Um momento, por favor...

Alan (*para Carlos*) – Posso falar contigo um minuto? Estou com medo de fazer uma asneira, sabes...

Alicia (*para Carlos*) – É para ti... Um editor...

Ela estende o auscultador.

Carlos (*para Alan*) – Estou contigo já...

Carlos pega no telefone. Alan sai, com ar desesperado.

Carlos – Olá? Sim... A sério? Sim, sim, estou muito honrado... Está bem... Muito bem... Liguei em breve para comunicar a minha decisão... Combinado...

Ele desliga. Catarina volta com Gerardo.

Alicia – Estou a sonhar ou era... a editora mais famosa de Portugal?

Carlos – Não estás a sonhar.

Alicia – Isto não é outra brincadeira, pois não?

Carlos – Receio que não.

Alicia – Então...

Carlos – Querem publicar o meu romance...

Alicia – É maravilhoso! Mas como...?

Kevin – A agitação! Na Amazon! (*Olhando para o telefone*) As vendas subiram para 53.000 exemplares em apenas algumas horas. Ao que parece, os editores tradicionais também seguem as estatísticas...

Margarida – O meu marido vai publicar um livro?

Catarina – Já tinha publicado um, não?

Margarida – Sim, mas quero dizer... Agora até poderia ser famoso... Imagina as caras das clientes no salão se ele saísse na capa das revistas? (*Para Flora*) Achas que o meu marido podia sair na capa de uma revista de celebridades?

Flora – Se ganhar o Prémio Nadal, talvez.

Margarida – Parece que não te alegra...

Carlos – Querem os direitos exclusivos deste romance e oferecem-me um adiantamento para o próximo...

Frederica – Quanto?

Carlos – 50.

Vicente – 50 euros?

Carlos – 50.000.

Alicia – 50.000 euros?

Margarida – E não disseste logo que sim?

Carlos – Não se cedem os direitos de um romance como se vende um carro usado... Digamos que preferia continuar a ser o dono da minha obra.

Margarida – A tua obra?

Carlos – E além disso, este editor rejeitou três dos meus manuscritos nos últimos dez anos, incluindo este, por acaso... E agora, porque vendi alguns milhares de exemplares na Amazon...

Alicia – Juntaram-se ao sucesso...

Margarida – O importante é seres publicado, não é? Até podias aparecer na televisão...

Carlos – Sim... Às três da manhã, talvez...

Alicia – Bem, Carlos... No entanto, devias pensar nisso... É uma proposta que pode mudar a tua vida...

Carlos – Precisamente... Não tenho a certeza se quero toda esta agitação agora.

Margarida – Mas hoje em dia, as pessoas matam pai e mãe para aparecerem na televisão!

Carlos – Para quê mudar de vida à minha idade? Prefiro ficar tranquilo. Fazer ler as minhas obras ao meu redor. Aos meus amigos. Às pessoas que realmente me conhecem e apreciam...

Margarida – Mas para o teu círculo, os teus romances são indiferentes! Contas a tua vida e eles já a conhecem!

Vicente – Temos de admitir... A tua vida não tem qualquer interesse.

Alicia – Depende de como a contares...

Margarida – Pensa um minuto, Carlos! Pelo menos, isto pode trazer-nos dinheiro.

Carlos – Trazer-nos?

Alicia considera apropriado aliviar o ambiente.

Alicia – Alguém quer mais alguma coisa? Para celebrar o sucesso virtual deste romance...

Margarida – Vou assumir o controlo da tua carreira, vais ver.

Gerardo (*para Catarina*) – A família... É importante, a família...

Catarina – Mmm...

Gerardo – E tu?

Catarina – Eu?

Gerardo – O que fazes na vida?

Catarina – Quando souberes no que trabalho, é possível que fiques horrivelmente desapontado... Tens razão, é melhor manter o suspense o maior tempo possível.

Gerardo – É verdade. Estamos a viver o momento mais bonito do nosso amor. Este instante mágico em que ainda não sabemos nada um do outro.

Catarina – Talvez daqui a vinte anos, no nosso sofá a ver televisão, recordemos emocionados este maravilhoso momento em que ainda não conhecíamos verdadeiramente o outro.

Gerardo – E a lembrança desta parte sombria fará perdurar a nossa relação.

Paula, a cliente, volta.

Paula – Desculpem a interrupção, estou à procura de um cartucho de impressora... Aqui está a referência.

Alicia – Dou-lho já... Pronto, são 47 euros com 50 cêntimos.

Paula – Uau, é caro!

Alicia – Sim, e isso que é compatível. O cartucho original é mais caro que a própria impressora.

Paula – Preciso dele para imprimir um livro eletrónico.

Alicia – A esse preço, seria mais barato comprar uma cópia impressa na livraria, não?

Paula – É verdade... De qualquer forma, obrigada.

Ela vai embora.

Alicia – Então, o que vão fazer?

Margarida – Mas ele vai assinar com esse editor, claro! E levar esse cheque de 50.000 euros!

Alicia – É verdade que também seria bom para a livraria...

Alan volta com o bidão de gasolina na mão. Ninguém lhe presta atenção. Derrama o conteúdo do bidão sobre a cabeça. Todos olham para ele, perplexos.

Flora – Acho que acabei de encontrar uma exclusiva.

Catarina – Mas temos de impedi-lo!

Carlos – É sidra...

Alan tira um isqueiro e tenta pegar fogo às suas roupas, obviamente sem sucesso.

Flora – É a primeira vez que vejo alguém tentar imolar-se com sidra sem álcool... Organizaram isto especialmente para o lançamento deste livro, para alertar o público sobre a morte programada das livrarias de bairro?

Carlos – Vamos, Alan...

Carlos pega-lhe no braço e leva-o. Estupefação geral.

Alicia – Está bem. Era apenas um conselheiro financeiro deprimido à procura dos seus quinze minutos de celebridade.

Frederica – É incrível. Podia ter pegado fogo. Com todo esse papel à nossa volta.

Vicente – Os livros eletrónicos, pelo menos, são como as janelas de PVC. São incombustíveis.

Nesse momento, Gerardo atravessa a cena em direção ao bar, ainda segurando a sua maleta. No meio de tudo, é empurrado por Jaime, que caminha sem olhar para a frente.

Jaime – Oh, desculpe...

A mala abre-se e fajos de notas caem. Consternação geral.

Gerardo – Desculpem...

Sem se perturbar, Gerardo apanha as notas e, num silêncio geral, devolve-as à maleta que fecha.

Flora – É a primeira vez que cubro uma sessão de autógrafos numa livraria de bairro. Não pensei que fosse tão movimentado...

Alicia – E mesmo assim, esta noite está bastante calma... Não queres mesmo tomar mais alguma coisa?

Flora – Sim, agora sim...

Alicia estende-lhe uma taça, que Flora esvazia automaticamente.

Flora – É surpreendente que depois de se encharcar com isto, não tenha realmente pegado fogo...

Carlos regressa.

Margarida – E então?

Carlos – Está bem, ele vai descansar um pouco...

Margarida – Estava a falar do teu livro!

Carlos – Decidi não assinar.

Gerardo – É um espírito independente que o honra...

Margarida – A ti ninguém te perguntou nada!

Frederica – Estás a brincar, pai?

Carlos – Há dez anos, talvez. Isso aconteceu exatamente quando eu já não o desejava. Prefiro permanecer livre. O sistema não me quis. Agora sou eu quem já não quer esse sistema. Tenho quase sessenta anos, já não persigo o dinheiro nem a glória.

Margarida – Quanto ao dinheiro, fala por ti...

Carlos – Não vou confiar o meu livro a esses editores antiquados que sempre me ignoraram porque não fazia parte do clube.

Frederica – O clube? Que clube?

Vicente – É uma metáfora, Frederica...

Carlos – E não quero que a escrita se torne o meu trabalho, mesmo que seja um trabalho bem remunerado.

Margarida – Desiludes-me, Carlos...

Vicente – Desiludes-nos muito...

Frederica – Sempre nos desiludiste a todos.

Margarida – Preferes continuar a ser um fracassado, é isso?

Carlos – Sim, acho que é isso mesmo. Com o tempo, descobri que há certa grandeza em querer continuar a ser um fracassado.

Frederica – És um egoísta...

Margarida – Estou a divorciar-me, Carlos... Estou farta dos teus ares de grandeza e das tuas frases engenhosas... (*Apontando para Gerardo*) E não precisas de gastar dinheiro num detetive privado. Todos aqui sabem muito bem que me deito com o encarregado da Limpeza Pública...

Frederica – Deitas-te com o encarregado da Limpeza Pública...?

Flora – Pensava que era o encarregado da cultura...

Jaime – Estou a cobri-lo...

Kevin – Eu acho que o moderno é o open data...

Carlos – Tens razão, Kevin. Considero-te como webmaster. Vamos criar o nosso próprio site, e vou oferecer todos os meus livros para download gratuito! Assim, até os chineses poderão conhecer o meu lado obscuro! Não é verdade, Vicente?

Vicente – Mas então não ganharás nada.

Carlos – Ganharei a glória!

Kevin – Vamos lixar o sistema, avô!

Flora – Se estiverem à procura de uma chefe de imprensa...

Gerardo – Este champanhe tem um toque de gasolina, não é?

Vicente aproxima-se de Gerardo.

Vicente – Entendi que tem poupanças para investir. Posso recomendar-lhe um bom investimento? O mercado de janelas de PVC está em alta na China neste momento...

Gerardo – Desculpe, mas prefiro a madeira exótica... Pode desculpar-me um momento? (*Dirige-se a Carlos.*) Então, é o teu primeiro romance?

Carlos – Sim. Suponho que tu também não o leste.

Gerardo – Não, mas estou com vontade de o fazer.

Carlos entrega-lhe um livro.

Carlos – Aqui tens um exemplar. Ofereço-te se aceitares levá-lo sem dedicatória. Apercebo-me de que não estou feito para este tipo de coisas...

Gerardo – Obrigado... Pensei que me depararia aqui com o adjunto da cultura...

Carlos – Sim, de facto. Mas parece que foi substituído pelo adjunto do lixo. Desculpa...

Dirige-se a Alicia. Gerardo sai.

Carlos – Posso pedir o teu número de telefone?

Alicia – Para quê, se estou ao teu lado?

Carlos entrega-lhe o seu telefone.

Carlos – Avança.

Alicia introduz o seu número no telefone de Carlos. Carlos olha para o ecrã.

Carlos – 13% de compatibilidade...

Alicia – Não é muito encorajador.

Carlos – Então, por que ainda tenho vontade de tentar?

Alicia – Poderíamos partilhar o mesmo telefone. O que significa que a soma dos nossos números respectivos seria estritamente idêntica...

Sorrisos cúmplices. Alan regressa.

Flora – Então, colega, o que te levou a cometer esse gesto desesperado? Talvez seja uma boa história para o meu jornal...

Alan – Vou explicar tudo...

O telemóvel de Flora toca.

Flora – Desculpe um momento... Sim, sim, já vou... OK, até logo... (*Para Alan*) Lamento, mas agora não terei tempo... Entro em contacto mais tarde contigo?

Flora prepara-se para sair. Paula, a cliente, volta.

Paula – Lamento muito incomodá-los, mas o cartucho compatível que me venderam não funciona com a minha impressora...

Alicia – Ah... A compatibilidade não é uma ciência exata.

Paula – Ao contrário da contabilidade.

Alicia – Vamos verificar isso...

O telemóvel de Carlos toca.

Carlos – Alô? Sim... Espere um minuto, por favor... *(Para Alicia)* É um produtor que quer adaptar o meu romance para fazer um filme... *(Para o interlocutor no telefone)* Passo para o meu agente...

Ele passa o telefone para Alicia, surpreendida e lisonjeada.

Alicia – Sim... Sim, sou a agente de Gonzalo de Casteladrón... Claro, mas... Não vou esconder que já temos outra proposta bastante tentadora. OK... Muito bem, obrigada... Então, até breve... Ele oferece o dobro do que o outro produtor nos oferece.

Kevin – Que outro produtor?

Carlos – E então...

Alicia – Aceitei...

Carlos – Que aventura...

Os outros estão surpreendidos.

Alicia – O dobro é ótimo.

Carlos – Mas o dobro do quê?

Paula aproxima-se de Carlos, mas é interceptada por Jaime.

Jaime – Permites que te convide para beber algo?

Paula – Porquê? O bufé é pago?

Paula continua em direção a Carlos.

Paula – Ouvei a tua conversa... Então tu és o Gonzalo de Casteladrón? Acabei de fazer o download do teu romance na Amazon porque vi que estava no topo das vendas...

Carlos – Leu?

Paula – Ainda não. Odeio ler no ecrã. Mas não sabia que estava editado em papel... Se soubesse, não teria gasto dinheiro em cartuchos de tinta para a minha impressora. Podes assinar-me um exemplar?

Carlos – Claro que sim! Qual é o teu nome?

Paula – Paula.

Ele pega num livro da pilha, escreve uma dedicatória na página do título e entrega-lhe o romance.

Carlos – Aqui tens, Paula. Podes ler na praia...

Paula – Obrigada...

Carlos – A tua cabeleireira não te fez esperar muito?

Paula – Cabeleireiras, já sabes... São tão tagarelas. Com tudo o que se ouve na cabeleireira, garanto-te que poderia escrever um romance.

Carlos – Devias ir com mais frequência então...

Paula – Olha, por exemplo, segundo o que me contaram antes, a dona do salão teria um amante...

Carlos – Não me digas?

Paula – Em todo o caso, bravo pelo teu romance!

Margarida aproxima-se.

Margarida – É o meu marido...

Carlos – Era, Margarida... Era o teu marido...

Carlos afasta-se de Margarida.

Kevin – Sou o representante dele... Posso ajudar-te?

Paula – Ajudar-me?

Kevin – Poderias começar por me dar o teu número de telefone, caso seja necessário...

Paula – Ah, sim, claro...

Kevin – Estou a ouvir.

Paula pega no telefone de Kevin e marca o seu número.

Paula – Aqui tens...

Kevin – 84%! Excelente!

Paula – É o número dos bombeiros... Pelo menos és maior de idade?

Kevin – Bem, serei em alguns meses...

Paula sorri divertida.

Catarina – É uma aplicação inventada pelo meu sobrinho. O nível de compatibilidade amorosa com base na análise comparada dos números de telefone de cada pessoa.

Gerardo – Não sei se funciona, mas é divertido.

Catarina – De qualquer forma, o amor, nunca se sabe muito bem o que é, então, por que não a numerologia?

Gerardo – Deixas-me o teu número de telemóvel?

Catarina – Vais rir, mas não tenho...

Trocam sorrisos.

Carlos – Então, Alicia, feliz?

Alicia – Muito...

Sente o autor muito perto da livreira. Alan aproxima-se, renovado no seu fato e gravata.

Alan – Desculpa, mas é o final da minha hora de almoço. Se não quiser chegar atrasado. Mas acho que me fez bem poder falar um pouco com todos vocês...

Alicia – Está bem, está bem...

Carlos – Também fiquei contente por te ver, Alan... Liga-me se te sentires em baixo, está bem?

Alan – Está bem.

Carlos – Aliás, nem te dediquei o meu livro.

Carlos pega num livro da pilha, rabisca algumas palavras na primeira página e entrega-o a Alan, que lê a dedicatória.

Alan – Ao meu amigo Alan... Obrigado, é simpático...

Alan vai embora. Carlos nem sequer ousa olhar para Alicia.

Carlos – Sim... Nem sempre é fácil encontrar uma pequena palavra original para cada um...

Catarina (para Gerardo) – És mesmo detetive privado?

Gerardo – Não.

Catarina – Não me faças esperar mais, posso cansar-me.

Gerardo – Digamos que estou nos negócios.

Catarina – E os negócios parecem estar a correr bem, pelo que parece.

Gerardo – Quando se sabe correr riscos e se tem um pouco de imaginação... Na verdade, ainda não sabes, mas vou comprar a aplicação ao Kevin.

Catarina – Então ele vai mesmo tornar-se milionário?

Gerardo – Vou dar-lhe uns poucos euros. No entanto, vou oferecer-lhe um lugar em pesquisa e desenvolvimento na start-up que acabei de criar nas Ilhas Caimão. A ideia dele é completamente estúpida, mas pelo menos tem ideias.

Catarina – Ilhas Caimão... Então era a tua parte obscura...

Gerardo – Disse-te que ficarias desapontada quando soubesses quem eu era...

Catarina – Não disse que estava desapontada.

Gerardo – Queres um lugar à sombra no meu guarda-sol?

Catarina – Nas Ilhas Caimão? Tenho um pouco de medo dos crocodilos velhos...

Gerardo – No meu paraíso fiscal, só há alguns tubarões. Mas ninguém vai às Ilhas Caimão pelas suas praias, certo? E tenho a minha própria piscina... Então é um sim?

Catarina – Por que não? Ingresso no convento imediatamente a seguir... Mas o que te trouxe a esta livraria hoje?

Gerardo – O destino, certamente. E uma mala cheia de notas que devia entregar ao adjunto de cultura da tua encantadora cidade. Mas ao que parece, ele não pôde vir...

Catarina – Deve ter tido algum impedimento... Sabia que eras amigo das artes e das letras. Agora descubro que também és mecenas.

Gerardo – Não digas a ninguém, mas neste caso é mais um assunto obscuro de financiamento oculto, fraude fiscal e branqueamento de dinheiro.

Catarina – Sim, foi o que disse.

Gerardo – Mas ainda não me disseste o que fazes.

Catarina – Sou inspetora na brigada financeira. Pagam-nos uma miséria, sabes? Mas eu também te ofereceria um lugar à sombra...

Gerardo – Escondes bem as tuas cartas.

Catarina – Coloco-te as algemas já ou esperamos para sair?

Gerardo – As algemas são apenas o símbolo do amor que nos unirá para sempre, certo?

Catarina – Deixa-me guardar a minha parte de mistério mais uns minutos.

Saem juntos. Fundo preto.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Batas brancas e humor negro
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cama e Café
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Como um filme de Natal...
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
De volta aos palcos
Ela e Ele, Monólogo interactivo
Encontro na plataforma
Erro da funerária a teu favor
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um critico na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Morrer de Rir
Nem sequer morto
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Retrato de família
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um breve instante de eternidade
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada
Uma noite infernal

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Janeiro de 2024
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-116-9

Documento para download gratuito